

Domingo, 18 de Outubro de 2026

Luchsinger na CNN: após 37 anos, “Operação Miriam Cordeiro” II pré-debate

Eleições 2026

Por Reinaldo Azevedo

Trinta e sete anos depois daquele 1989 fatídico, e com as consequências então conhecidas, apareceu uma candidata a Miriam Cordeiro na sucessão: Roberta Luchsinger. Há, claro, diferenças, como sempre, quando se associam personagens de tempos históricos distintos: aquela falou no horário eleitoral de Fernando Collor; esta concedeu uma estupefaciente entrevista à CNN na noite deste sábado. Tratou-se de uma sessão de insultos dirigidos contra o presidente, sem uma miserável acusação objetiva. Muito pelo contrário: ela admitiu não ter nada. Afirmou, por exemplo, que aceita fazer uma delação premiada, embora diga não ter cometido crime nenhum nem ter contrato com o poder público. Nota: Cordeiro apareceu no horário eleitoral na noite de 12 de dezembro daquele ano; a peça foi repisada no dia 13, e o debate entre os candidatos se deu no dia 14. O primeiro confronto entre Lula e Flávio Bolsonaro acontece na Band neste domingo.

Uma frase resume a entrevista de Luchsinger, além dos xingamentos: “Um homem desse não pode continuar na Presidência da República”. Flávio Bolsonaro certamente concorda com ela. Em 1989, Cordeiro afirmou sobre Lula, com quem teve uma filha, Lurian, que sempre esteve ao lado do pai: “Eu não apoio o Lula e não quero apoiar o Lula porque eu acho que apoiar o Lula seria uma traição a mim mesma. Eu fui uma pessoa que sofreu muito na mão do Lula. [...] Eu não posso, sob hipótese nenhuma, apoiar um homem que acabou com a minha vida, tá?”

A lobista, que falou neste sábado, acusa o presidente de ter acabado com o seu negócio. Disse ter perdido clientes que mantinha havia 10 anos, embora não fique claro exatamente o que ela faz. Distribuiu insinuações contra Lulinha, sugerindo que um empresário se deu bem em razão dessa amizade, mas afirmou também não ter conhecimento de irregularidades. Acha que o ex-amigo tem de ser investigado. Por quê?

Não por contratos irregulares que a dupla tenha conquistado no governo. Ela insiste que inexistem os ditos-cujos e que nada fez de errado. Mas aí se saiu com o seguinte truque: se houver, que a polícia diga, e ela se prontificou a colaborar. Talvez não lhe tenham dito como funciona a Lei nº 12.850: o colaborador tem de começar por confessar os próprios crimes. Mas delatar o quê, se ela diz não ter cometido nenhum? Luchsinger confunde uma delação com a simples acusação dos inimigos da hora.

Está obviamente injuriada porque o presidente a chamou de “pilantra”, e chegou até a ensaiar alguns surtos de feminismo seletivo. Contra um adjetivo, uma pilha: “mentiroso, mau-caráter, senil, esclerosado...”. Jurou que era defensora do governo e perguntou: “O que eu recebi em troca?”.

Eu não sou ombudsman da imprensa, claro! Mas me pergunto: faz sentido levar ao ar um troço como esse? Outra pergunta óbvia de resposta idem: se a extrema direita atentasse contra a vida dela, o responsável seria Lula?

A síntese da entrevista é a seguinte:

- o presidente não gosta dela nem ela do presidente;
- ela não conseguiu fechar nenhuma parceria com o governo;
- diz não ter cometido crime nenhum, mas afirma querer delatar os outros, o que não tem suporte legal;
- afirma estar sendo perseguida pela “máquina pública”, embora não tenha evidência disso;
- quer saber por que Lulinha não é investigado, embora ele esteja sendo investigado;
- diz não ter cometido crime nenhum, mas sugere que seu ex-amigo pode ter cometido algum, embora não diga qual.

E, como se nota, ela está pedindo proteção. Ingênua não é — o que talvez Cordeiro fosse. Ela fez uma aposta na derrota de Lula. E parece esperar que o futuro lhe seja ameno, uma vez que diz topar uma delação premiada contra os outros e se diz inocente como as flores.